

A IMPRENSA FRANCANO: UMA FONTE SUBSIDIÁRIA PARA A HISTÓRIA REGIONAL

Milza Bruxellas Peixoto
(Unesp — Franca)

A imprensa francana nasceu no final do século XIX, resultante de um grupo de intelectuais que, com esforço e capacidade, conseguiu projetá-la para além das fronteiras regionais. Desde seus primórdios, desempenhou importante papel na vida da região. Inserindo-se em contexto mais amplo, participou dos movimentos que marcaram as mudanças de estruturas na vida nacional. Esteve presente na luta pela abolição da escravatura e proclamação da República, no movimento constitucionalista de 1932 e em muitos outros momentos de igual importância em épocas mais recentes.

No decurso de um século, mais de 87 jornais surgiram na cidade. Alguns tiveram efêmera existência. Outros, embora fundados no início do século, ainda hoje emprestam sua colaboração ao progresso da cidade. Muitos deles foram radicais em seu posicionamento político e desempenharam marcante papel na história da imprensa francana.

O pesquisador que se propuser a estudá-la encontrará algumas dificuldades, uma vez que as coleções existentes em instituições de pesquisa não se acham completas. O complemento delas teria que ser procurado em arquivos particulares, de difícil acesso.

Ao que parece, a imprensa francana nasceu em 1882 com um jornal semanal intitulado **O Nono Distrito**, que se impôs desde seu primeiro número graças ao seu grande formato, à riqueza e seriedade de suas informações, elegância de seu estilo e seleção de seus colaboradores. Redigido por Gaspar da Silva e César Augusto Ribeiro, ambos intelectuais e professores, teve larga divulgação e tornou-se respeitado pela imprensa da época. Nos seus doze anos de existência, embora tenha afirmado que pretendia ser imparcial e que não estaria a serviço de nenhum partido, mostrou-se logo como jornal revolucionário, combativo e defensor das idéias republicanas. Defendeu acirradamente a idéia da democracia, a abolição da escravatura, a instrução pública elementar, a separação da Igreja e do Estado, a secularização do casamento etc.; criticou violentamente o clero por considerá-lo explorador da ignorância popular; colocou-se contra a criação de uma Universidade no Brasil, por considerá-la um luxo para um país onde o povo, ainda ignorante, não dispunha nem mesmo da instrução primária.

Os problemas locais não foram descuidados. Não só os apontava como propunha medidas para a sua solução. Assim, propôs a construção de um mercado municipal, de um matadouro, reforma da Igreja Matriz, ampliação da rede de correios, melhoria das estradas, iluminação da cidade e outros melhoramentos. Em sua coluna literária apresentava produções inéditas de autores nacionais e estrangeiros. A poesia, muito apreciada pelos leitores da época, esteve presente em todos os números. O espírito combativo e revolucionário desse semanário nem sempre foi bem aceito e compreendido pelos francanos da época. Seus redatores enfrentaram a resistência do clero, ameaças e promessas de vingança. Entretanto, não recuaram. **O Nono Distrito** pode ser encontrado no acervo do Museu Municipal de Franca e no do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Percebendo que **O Nono Distrito** não se dedicava exclusivamente aos interesses da sociedade local, a mocidade francana, influenciada pelos sucessos desse “irreverente” jornal, voltou-se para a imprensa. Há notícias de que em março de 1882 teria surgido **O Polichinelo**, pequeno semanário dirigido por Afonso Froemberg, Álvaro Abranches e Guilherme Voss, voltado mais para os assuntos locais. Seu aparecimento, todavia, não eclipsou **O Nono Distrito**. Foi somente em 1884 que este jornal encontrou verdadeiro concorrente, com o surgimento de outro semanário, **Justiça**, fundado para combater as idéias republicanas de **O Nono Distrito**. **Justiça** esteve sempre a serviço do Partido Conservador. Seus proprietários foram José Garcia Duarte (Barão da Franca) e José Teodoro de Melo. Teve por redator Estêvão Leão Bourroul. Durou pouco, encerrando suas atividades em 1887. Voltou a circular em 1932, com novos objetivos, visando particularmente à defesa da Revolução Constitucionalista.

Na década de 80 Franca foi tomada de verdadeira febre jornalística: **O Papagaio**, **O Recreio**, **O Pirilampo**, **A Rosa Chá**, **O Tiradentes**, **A Sentinela**, todos de efêmera existência. A respeito deles encontramos referências em almanaques históricos de Franca e nas informações obtidas através de entrevistas com anciãos da cidade.

Em 1888 surgiu **O Francano**, de propriedade de Álvaro Abranches Lopes. Voltado para os interesses locais, pretendia ser imparcial, noticioso e comercial. Teve longa existência, embora com interrupções. Por várias vezes mudou de proprietário, sem, contudo, alterar seu programa. Embora voltado para os interesses municipais, não ignorou os problemas nacionais. Teceu severas críticas aos políticos locais, chamou a atenção dos leitores para os meios utilizados pelos políticos na obtenção de votos, denunciou o não cumprimento das promessas dos candidatos e criticou os projetos apresentados à Assembléia Provincial quando prejudicavam o povo francano. Todavia, os assuntos políticos nem sempre

ocuparam o centro das atenções da redação. Em destaque, encontramos informações a respeito da “Filarmônica Tristão” e seus concertos, a chegada a esta cidade da linha telefônica, a fundação da primeira casa bancária, do Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, do Externato Sabino Loureiro etc. Também os assuntos sociais mereciam coluna: casamentos, óbitos, viagens de personalidades francanas, visitantes da cidade. Notas sobre agropecuária e esportes completavam o jornal. Em 1931 passou à propriedade de José de Melo e em 1945 à de Tuffy Jorge. Encerrou suas atividades em 1966, tendo, em toda a sua existência, sido alheio às ideologias políticas, mantendo-se imparcial, noticioso e essencialmente comercial.

Entre 1890 e 1900 apareceram: **O Colibri**, **A Época**, **A Camélia** e **Estrela Popular**, dos quais temos referências, mas até o momento deles não encontramos nenhum exemplar.

Em 1900, Antônio Ricardo de Souza fundou a **Gazeta da Franca**, semanal, voltado também para assuntos locais. A política não foi sua preocupação. Pelo número que examinamos, aliás o único que conseguimos encontrar, observamos que as notas sociais e literárias constituíam seu principal objetivo. Esse exemplar de que dispusemos pertence ao acervo particular da família do fundador do jornal. O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo possui dele alguns números.

Pela mesma época, a 25 de agosto de 1900, Francisco Cunha fundou a **Tribuna da Franca**, editada em tipografia própria, e que circulou até 1940. Defensor das idéias do Partido Republicano Paulista, foi sempre conservador e ponderado, colaborador das causas justas. Conseguiu tornar-se um semanário de grande prestígio na região; voltado para os interesses da municipalidade preocupou-se em denunciar a falta de limpeza das ruas, a necessidade da criação de uma guarda-noturna, divulgou documentos importantes sobre a “Anselmada”, notícias de eleições e das lutas entre as companhias Paulista e Mojiana, valorização do café, entre outros assuntos. A vida social esteve sempre em destaque nesse jornal. Do ponto de vista político, criticou o governo brasileiro por sua ação frente à questão do Acre e com relação ao sistema eleitoral, então vigente, considerou-o fraudulento e superado. Teve como redatores Antônio Ricardo de Souza e Jorge Fernandes. Seus colaboradores usavam pseudônimos e seria necessário um estudo para a devida identificação. Entrou em declínio após a Revolução de 1930 e interrompeu suas atividades em 1940. Ressurgiu em 1967, sob a direção de Otávio Cilurzo. Não teve, em nenhuma de suas fases, participação polêmica em assuntos ideológicos ou políticos; limitou-se a retratar aspectos da vida francana. Dificuldades financeiras paralisaram-no em 19 de outubro de 1968. A coleção desse jornal acha-se bem conservada, embora dispersa por vários arquivos: o pesquisador deverá recorrer ao Museu Municipal de Franca, ao

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e ao arquivo particular da família do fundador do jornal.

Nesse mesmo período surgiram o **Correio Comercial**, o **Diário da Franca**, o **Bandolim**, o **Fígaro**, o **A Lira**, o **Farpa** e o **Primeiro de Maio**, todos de curta existência e com seus exemplares hoje desaparecidos.

Em 1905, Assis Pereira fundou o **A Cidade de Franca**, bissetimário independente, voltado para os interesses do município. Embora sua maior preocupação não fosse a política, apoiou, contudo, a candidatura de Pinheiro Machado. Suas páginas eram mais dedicadas à parte social e, sob o título "Melhoramentos Locais", propunha medidas que viessem a beneficiar a cidade: conservação das ruas, instalação do Grupo Escolar etc. Entre 1910 e 1911, estampou a legenda "Órgão Político, Agrícola e Comercial do Município". Desconhecemos a época em que deixou de circular. Mas durou pelo menos até 1913, pois o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo possui números referentes a esse ano.

Em 1915, José de Melo fundou o **Comércio da Franca**. Destinado a uma longa existência, teve por objetivo "ser um órgão dedicado aos interesses do comércio, lavoura, indústria e artes", lutando ao lado dos poderes constituídos no Município, no Estado e na União. Pretendendo sempre contribuir para o engrandecimento da cidade, foi semanário até 1938. Teve ao longo de sua existência, vários proprietários. Até 1920, o seu fundador. Nesse ano foi vendido a Ricardo Pucci, que encarregou Antônio Constantino de sua redação. Sob essa direção, o jornal tornou-se polemista. Em 1960, novo proprietário, Alfredo Henrique Costa, que o transformou em diário matutino, conservando-o, contudo, afastado de lutas políticas ou ideológicas. Atualmente, tem por proprietário o Sr. Correia Neves. Em suas páginas encontramos notícias e comentários sobre a Primeira Guerra Mundial, a Revolução de 1930, a reorganização do PRP, o Movimento Constitucionalista, a Revolução de 1964, entre outros assuntos. Na luta pelo progresso da cidade, esteve sempre atento aos problemas locais, denunciando falhas e propondo soluções.

De 1929 a 1932, Franca viu circular outros jornais. O **Diário da Tarde**, em seu número inaugural, publicou a relação deles. Entretanto, poucos foram os que conseguimos encontrar, e mesmo assim apenas números esparsos, conservados em coleções particulares.

O **Socialista**, órgão do Partido Socialista Brasileiro, publicava-se às quartas-feiras e tinha por diretor Norival Caetano da Fonseca. Combatia o Partido Constitucionalista por considerá-lo saudosista, defendendo o nacionalismo e a ditadura de Getúlio Vargas, por julgá-la voltada para os interesses da Nação e mantenedora da "ordem e da liberdade". Era distribuído gratuitamente aos membros do Partido. Dele, encontramos apenas alguns exemplares, na coleção particular de Hugo Bettarello.

O **Liberal**, órgão de propaganda do Partido Liberal, era de distribuição gratuita. Seu redator foi Miguel Daniel. Condenava o governo democrático vigente, denunciava o crescimento da dívida externa, a falta de auxílio à lavoura paulista e o protecionismo que minava os cofres públicos.

A **Bomba**, fundada em 1927 por Higino Nascimento, foi dos mais arrojados jornais da época. Sua publicação não obedecia a nenhum esquema rígido. Nunca o leitor podia prever o dia em que sairia nova edição. Devido a esta irregularidade, sua redação anunciava o próximo número distribuindo um folheto de propaganda. Pretendeu este jornal “defender os humildes e arrasar com os bandidos, principalmente os de casaca”. Seu lema era “Verdade e Justiça”. Foi jornal de combate, de franqueza e linguagem cruas, sendo, portanto, pouco escrupuloso. Criticou personalidades e políticos da época. Teve como colaboradores Higino Nascimento, José do Nascimento, Teófilo de Carvalho, Moreira Neto, entre outros.

Justiça, fundado em 1932, foi semanário, publicando-se às quintas-feiras, em defesa dos interesses revolucionários e estimulando o povo à luta.

Dos jornais desse período, o único de que encontramos coleção completa foi **Brasil Novo**. Teve curta duração: fundado em 1930, sob a direção de Francisco Barbosa Ferreira e Belmudes de Toledo, circulou só até 1932. Surgiu para comemorar o advento da “nova era” política brasileira, publicando 100 números, sob o credo do ideal democrático-revolucionário. Foi doutrinário. Buscava refletir os sentimentos do povo da região e defender seus interesses políticos e administrativos. Colocando-se em oposição ao “coronelismo” então dominante, mostrou-se eminentemente combativo. Considerou o governo republicano como “iliberal” oligárquico e protecionista”; propôs uma democracia que assegurasse as liberdades individuais, onde a instrução pública fosse prioritária e o povo pudesse colaborar com o governo, tecendo suas críticas; censurou a Revolução de 1930 e considerou-a uma farsa; condenou os partidos políticos pela ausência de programas definidos. Esteve a cargo de um grupo de jovens francanos que lutavam pela regeneração política do país; entre eles, podemos citar Miguel Daniel, Dr. José Carvalho Rosa, Dr. Antonio Petraglia, Hugo de Castro, José Engracia, Altino W. Faria, Belmudes de Toledo e Moraes Rego.

A 6 de janeiro de 1927 circulou em Franca novo jornal: O **Aviso da Franca**. Criado por uma agremiação religiosa, a União Católica da Mocidade Francana, tinha por finalidade propagar a doutrina católica, orientar a juventude e lutar por causas justas e belas. Em 1965 passou a ser dirigido pelo Círculo Operário Francano, que pretendeu transformá-lo em porta-voz das classes trabalhadoras e órgão pela defesa dos interesses dos

circulistas. Teve como redator, nesta nova fase, José Chiachiri. Encerrou suas atividades em 1969, tendo conservado durante toda sua existência a linha católica, liberal-democrata. Não teve grande penetração popular, apesar de sua longa vida.

A **Nova Era**, fundado a 15 de novembro de 1927, mantém-se até nossos dias, sendo de caráter estritamente religioso, de orientação espírita. Seu fundador foi José Marques Garcia. Inteiramente alheio a assuntos políticos, é editado, desde o início, pela Fundação Espírita Alan Kardec, tendo publicado até a data de nossa pesquisa 1609 números, em tiragem quinzenal. Não traz propaganda e sua distribuição é gratuita para as comunidades espíritas de várias partes do mundo.

Nesse período surgiram vários jornais de jovens, mantidos pelas escolas locais. Lembramos de **O Ginásial** (dos alunos externos do Ginásio Champagnat), a **Gazeta do Ateneu**, dirigido por Nazir Nassif (dos alunos do Ateneu Francano), a **Gazeta Estudantil**, (órgão mensal do Grêmio Castro Alves, do Instituto Francano de Ensino).

Em 1937, circulou **O Trabalho**, órgão de propaganda da Associação Beneficente do Trabalho, redigido por Sílvio Teixeira e de distribuição gratuita.

O Momento é o título duma folha que circulou em 1937, escrita por diversos colaboradores e que teve como redator-chefe o já mencionado Sílvio Teixeira. Era de natureza política e divulgava as idéias do Partido Constitucionalista.

A 15 de março de 1941, o **Diário da Tarde** iniciava suas atividades, publicado em tipografia própria, sob a direção de Francisco Andrade Filho e José Chiachiri. Nele encontramos a vida social francana: festas, acontecimentos esportivos, filmes da semana e a programação da rádio local. Mantinha seção internacional com notícias e pequenos artigos sobre a Segunda Guerra Mundial. Em 1945 passou à propriedade de Granduque José. Encerrou suas atividades em 1960, permanecendo sempre noticioso, apolítico e voltado para os problemas locais.

Todos os jornais aqui mencionados eram de objetivos locais, mantinham colunas sociais e esportivas e a maior deles manteve-se através de anúncios e assinaturas.

Um estudo mais pormenorizado poderá fornecer subsídios aos trabalhos de história regional. A leitura deles nos faz sentir as tendências do povo interiorano, suas preocupações e anseios, suas posições diante dos problemas nacionais, o desenvolvimento municipal, o apoio governamental dado à região, as aspirações da municipalidade, o nível de cultura e educação, os aspectos sociais e esportivos, numa riqueza e variedade de temas que, se explorados adequadamente, trarão valiosa contribuição à história da imprensa francana e da própria cidade.